

GUIDO BILHARINHO

**POETAS DE ANGOLA
EM DIMENSÃO**

ORGANIZAÇÃO

EDIÇÃO
REVISTA DIMENSÃO EDIÇÕES
UBERABA/BRASIL - SETEMBRO 2021



P798

Poetas de Angola em dimensão / Organização: Guido Bilharinho. – Uberaba, Brasil: Revista Dimensão Edições, 2021.
83 p.

1. Poesia Angolana. 2. Bilharinho, Guido. I. Título.

CDD 869.1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR:
Sônia Maria Resende Paolinelli – Bibliotecária CRB-6/1191

Organização e Seleção

Guido Bilharinho

Planejamento Editorial

Guido Bilharinho

(guidobilharinho@yahoo.com.br)

Capa

Gabriela Resende Freire

Edição

Revista Dimensão Edições

Av. Leopoldino de Oliveira, 4464 – Sala 301

38065-165 Uberaba/Brasil

Editoração no Blog

Gabriela Resende Freire

SUMÁRIO

NOTA PRELIMINAR

<i>Poetas de Angola em Dimensão</i>	9
---	---

POEMAS

ABREU PAXE

A Boca.....	12
Instantes Oblíquos.....	13
A Noite I.....	13

ANTÔNIO GONÇALVES

Energia em Contagota.....	14
O Belo.....	14
Experimentando Experimento.....	15

ARLINDO BARBEITOS

Poema.....	16
------------	----

CONCEIÇÃO CRISTÓVÃO

Idade da Pedra.....	19
Filosofia Húmida.....	20
Perigosas Núpcias.....	21

DAVID MESTRE

Arte Poética.....	22
Poema.....	23
Luz de Jade.....	24
“Teus pássaros oh Calcutá”	25
Photomaton.....	26
Uma Ponta de Sangue.....	27
A Sombra Escuta.....	28
Ao Sábado a Cidade.....	29
Mover a Voz Para Fora.....	30

EUCLIDES MARIANO

Voragem.....	31
O Cântico da Terra.....	32

FREDERICO NINGI

Gotas de Água.....	33
Visual.....	34
Coccix.....	35
Visual.....	36
Fermi.....	37
Paredes Hirsutas.....	38

J. A. S. LOPITO FEIJÓ

Sistema de Equação Tridimensional dum Mistério a Desvendar.....	39
Reflexão.....	40

Quase Haiku.....	41
Carta d'Amor a Um(a) Jovem (Burkinabe).....	42
Mal/Dito Soneto de Amor.....	43

JOÃO MAIMONA

As Muralhas da Noite.....	44
As Mercadorias Que Deslizam na Rua Pública.....	45
Idade das Palavras.....	46
Pastoral das Meninas em Repartidas Estradas Falantes.....	47
Poesia (Requalificada) de Glória.....	48
Dimensão Interior.....	48
Poema Para Carlos Drummond de Andrade.....	49
A Rua Contemplada in Vitro.....	50
As Moscas do Horizonte.....	51

JOÃO MARIA VILANOVA

Canção-Fala das Mulheres de Luto.....	52
Canção do Regresso Impossível.....	53
Canção do Sol Suburbano.....	53

JOÃO MELO

Duas Lições.....	54
João Cabral de Melo Neto.....	55
Maiakovski.....	56
Luandando.....	57

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

É Disto Que Falo.....	58
Muana-Piló.....	59

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

Na Linha da Frente.....	60
Arte Poética.....	61
Um Pássaro Poisa e Escuta.....	62
Odisseia.....	63

JOSÉ MENA ABRANTES

A

Borboleta.....	64
O Bêbé a Mãe.....	65
Sobrevivente II.....	66
A Mina.....	66
O Poço.....	66

LUÍS KANDJIMBO

Argumento.....	67
Brumas do Crepúsculo (I).....	68
Brumas do Crepúsculo (II).....	68

MANUEL DIONÍSIO

Poema Pós-Comunista.....	69
?.....	70
Carta Em Jeito de Poema.....	71

MARIA ALEXANDRE DÁSKALOS

Poemas.....72

PAULA TAVARES

Chão das Ilhas.....75

Rapariga.....76

Alfabeto.....77

RUI DUARTE DE CARVALHO

Mundo Novo – Ao Sul Mundo + Velho.....78

Noção Geográfica.....79

RUI EDUARDO

“Destilo um grito...”82

NOTA PRELIMINAR

POETAS DE ANGOLA EM DIMENSÃO

Dimensão – revista internacional de poesia, editada em papel em Uberaba de 1980 a 2000, em sua deliberada e planejada expansão para abarcar o maior número possível de poetas e países, notadamente, os de língua portuguesa (atingindo 635 poetas de 31 nações), nos parâmetros de linha editorial de modernidade, contenção verbal, rigor e elaboração da linguagem, conseguiu contato e iniciou a publicação da produção poética de Angola a partir de seu número 15, de 1987, culminada com a edição de seção especial no número 30, de 2000, de nada menos 20 (vinte) de seus poetas contemporâneos, possibilidade proporcionada pelo empenho e remessa de livros por parte do poeta e ativista cultural Abreu Paxe, permitindo o conhecimento e a seleção poética então editada.

*

Em nota preliminar, como dito à época, Angola, malgrado o passado colonial, a luta e a convulsão político-militar que desencadeou e o levaram a seu fim, estendidas por décadas, apresenta literatura florescente e vigorosa.

Na mencionada seção especial, procurou-se dar visão panorâmica – e a mais seletiva possível – do conjunto da produção poética contemporânea de Angola, um dos maiores

países de língua portuguesa, elaborada por uma nova geração que, após vencida a etapa de preocupação, envolvimento e tematização da campanha anticolonial pelas gerações anteriores, rápida e eficazmente se atualizou e se alteou em prática poética sincronizada e inserida na contemporaneidade, o que, ao contrário do que muitas vezes se supõe, não constitui cometimento fácil nem espontaneísta, pressupondo e exigindo esforço, informação, pesquisa, trabalho e elaboração, às vezes exaustiva.

Tais características, esses poetas, para grandeza de seu país e sua inserção na poética universal, as apresentam em alto grau de consciência e prática estética.

O Organizador

POEMAS

ABREU PAXE

A BOCA

Na pureza da lama
mesmo que se abra
não alcança
os cristais do vocábulo
a boca
no gargalho da cabaça

Vazia cospe ao mundo
a boca do vocábulo sequiosa

A boca do dia
são areias pisoteadas
nas pétalas da cidade

INSTANTES OBLÍQUOS

A dimensão molda domínio
alarga rios, incertezas, colinas e vales.
do pão ejacula noites de orgia
duende atado faz desfilar discursos vazios
crateras aromáticas gerações de poços lendários
os dias todos num peito juntos horizontes
ínfimos instantes oblíquos.

A NOITE I

A cicatriz nocturna
saúda o olhar
da voz
nos jazigos do quintal
anoitece trevas
ao observar o ocaso despontar
órbita diluindo dia indefeso

Beijo as cercanias do quintal

ANTÔNIO GONÇALVES

ENERGIA EM CONTAGOTA

Onda no ar
imagens sem mão
de repente se vão
já não são...

Silêncio

Se repete
o drama demente
na mente do coto
diano

energia
em contagota
contra o nosso gosto

O BELO

O belo
não será

o elo
num dos pontos
do círculo

signo
de divino
poder

ou

o ritmo
das palavras

amalga madas
no ser?

EXPERIMENTANDO EXPERIMENTO

exprimo

aprimo estética experimental

(poética)

ciência qual mimo

cimo da paciência

apetência de experiências

(várias)

experimentando sem perimir

não / perimétrica poesia experimental

experimento experimentando

poesia experimental.

ARLINDO BARBEITOS

traços de nuvem
em asa do pássaro vermelho

voando

mariposa do ocaso
em teus lábios azuis

na calma da paisagem
que teu olhar traz suspensa
afogada
desliza a memória de negreiros
e escravos

amada
que lembrança terão os peixes

pelas paredes
fulvas
deslizam as sombras da esperança

as tuas palavras de lusco-fusco
cobrem as coisas
de um manto de penumbra

a noite baixa
sobre o labirinto da recordação
e
exangues se abrem os dedos

as sombras da esperança
fulvas
deslizam pelas paredes

suspensos
em matizes esbatidos de azul
e
do instante sem limite
pairam fuscos os pássaros

no vaso
a flor continua viçosa
e
as formigas correm como lá fora

na sombra opaca dos teus olhos
descubro o mundo

mas
pelas mãos que afago
sobe a morte
como as águas em maré cheia

CONCEIÇÃO CRISTÓVÃO

IDADE DA PEDRA (prosopoema)

(Há um discurso de facas nas fronteiras lívidas do rosto.

A madrugada morre de leucemia. E ainda as florestas não revelam as crateras abertas.

Línguas de fogo economizam tristezas. Deslizam águas na luz da pedra.

Óh, vidas de pedra. Náuseas de pedra na dura frágil idade da pedra.)

FILOSOFIA HÚMIDA

I.

Sofre o amoníaco no espírito. Lacrimante.
Da sombra molhada como recordação
a ontologia guarda.

Quando descansa a luz morre sob o olhar noctívago.
Nas flores já não há só perfume:
há o conhecimento. Que todos fingem ignorar.
Assim mesmo, ele sabe... e não diz.

II.

Não olha. Olhar é perder a memória
(Ironicamente, ele já não a possui)
e não viver. Não olha mas vê:
da virtualidade ao sonho
a ponte é um ponto.

O cágado segreda-lhe: -descobre do teu sol
a clareza interior. Necessária.

III.

O ouvido dialoga silêncios. Todos. Aturdidos.
A luta do povo é digna.

Oh!, se for embora no fulgor da estrela
ou no caudal da lágrima. Única.

Oh!, se for embora, deixar-te-á seu inocente punhal.
Depois da morte. Tal e qual.

PERIGOSAS NÚPCIAS

... toma-se o gosto
às palavras
nas cordas secas.

Em força.

Pedras sensualizam -na cópula-
(ó sémen estrito do inferno)
terra
luz
simultânea
mente.

Que alegria gradativa
mente
louca.
...ao ver-te passar.

Coisas deste além-erotismo
(ó bocas senis: madrugadas virgens)
nos beijos
lâminas de fogo.

DAVID MESTRE

ARTE POÉTICA

Pousa o tempo
sobre os ombros
e (d)escreve
apenas
erosões
dum rasto
de Sol
na pedra lisa

Outro caudal
assim farejam
as palavras
se beijadas
nos frágeis capins
do seu ventre
prodigioso

Sabor tenro
de
ama
chocar
na boca

água
serias
não fosses
poesia

Obscura pauta
entre as mandíbulas
oro

sentindo a estepe
na planta
dos pés

LUZ DE JADE

Em diferido
noutra álgebra
uma sombra
alojou o coração

anfíbia filigrana
d'água rosada
ânfora ausente
luz de jade

suspeita se

Teus pássaros oh Calcutá

voam dos beirais em bandos
voláteis num alvoroço
de gritos roucos quase

humanos
contra a vidraça

Teus pássaros oh Calcutá

um Deus búdico nú
e sentado mos devolveu
num gesto vago

ausente solto
do nada

PHOTOMATON

**De frauta
o assovio
e**

**o indício
de asas
no dorso**

**sobes de
século não
de bastardo**

UMA PONTA DE SANGUE

Pouca

é a arte

que o silêncio

consente

Apenas algumas palavras

se perdem

agora

das suas margens

quando

uma ponta de sangue

desprende

sua cauda jubilosa

entre

o parêntese dos lábios

que enunciam

em pedra viva

A SOMBRA ESCUTA

A sombra escuta
esquece
e

descreve a
imagem
quando

o prazer se
grega o texto
e

o cilí-
cio da
loucura

adeja a
mão sábia
e

o olhar
poderoso
do artista

AO SÁBADO A CIDADE

Reaprender as normas
do discurso: por exemplo
ao sábado a cidade

ou seja: o perímetro
da tua voz entre
frente e gente

repetes: ao sábado a cidade

à ordem lambida
dos holofotes: a rusga

mal ferida no adobe
exausto da carne:

ao sábado a cidade

transpira do transistor
a cantiga

interna do teu corpo
sacudido na areia
devagar ao sábado

a cidade é: um resto
de boca
no teu súbito
acordar

MOVER A VOZ PARA FORA

Suspendo teu rosto sobre
o meu ventre
baixo e pressinto-lhe
o eixo como se
dissesses: as aves
nascem

do hálito
entregue
em teu rumor

São de vento: as aves
e tu
a mais vária boca
ao meu
lume

a mais líquida
entre
o ar

Mover a voz para fora
subverter-lhe a derme
inquieta
no sopro

ou: ter-te submersa
no pânico
solto
das aves

EUCLIDES MARIANO

VORAGEM

Vieram os oceanos aticar viagens
nas ruelas floridas com sonhos
foi o hálito da chuva e da mortalha
sobre a morfologia dos passos.

A terra naufragou na humidade das línguas
que nasceu da ressaca das palavras -
e caiu como gotas sobre as cinzas
das manhãs rutilantes de profecias.

No chão o ião desligou-se da vida
na foz o sol desligou-se das flores
Os deuses a si mesmo se restauraram
atearam frases sobre os sonhos...

O CÂNTICO DA TERRA

O campanário da partida foi o sonho
com colheitas vermelhas e orgias
O chão fora amanhado no templo dos deuses
em sonhos pregados nas folhas de papel
Nas searas molhadas de devoção
a leiva ficou algemada de castigos.

O oiro negro foi a anunciação da terra
foi o cântico que nutriu os palcos
com sonhos lindos de trigo e mutação
Diluiu-se a dissociação dos homens
na vegetação dócil dos véus do talismã
Nas veias dos deuses floriu o tantã
que inflamou o som da aragem na terra.

FREDERICO NINGI

GOTAS DE ÁGUA

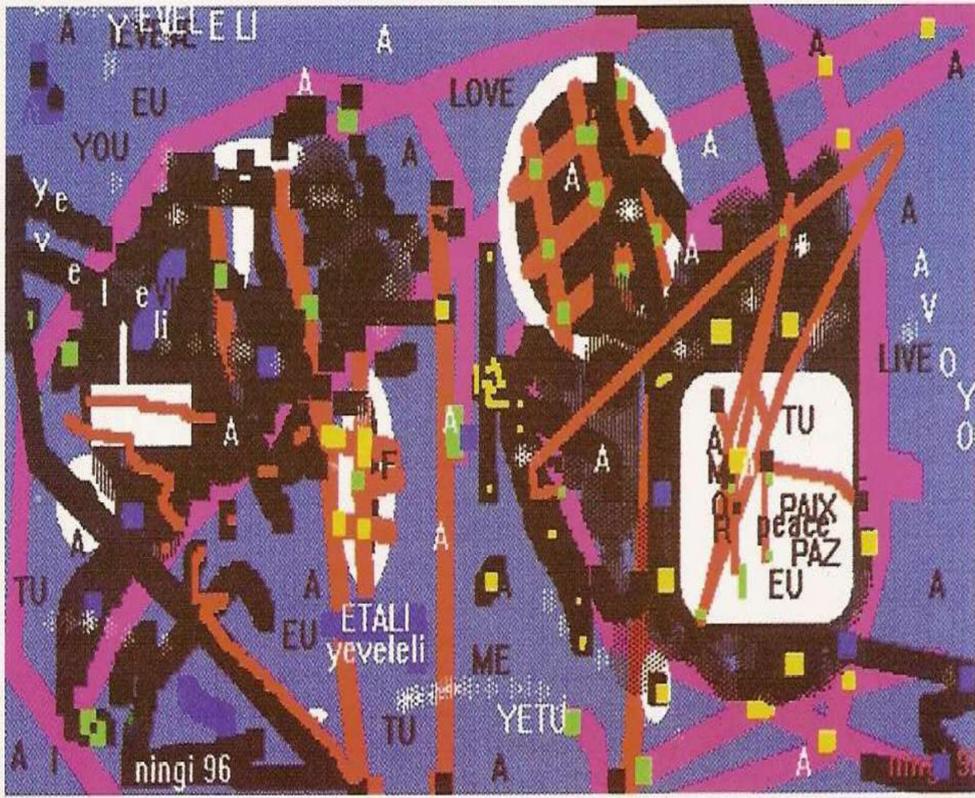
iNstala-se uma geração de tambOres
nA frEntE unida
detErminadas pelas igrejinhas das mll
go
tas de água poVoAndo

TODA LAMA VEM DE ALGUMA ÁGUA

SÓ
de goteira, a vida analítica lá soletrava
a vertigem virgem dos sentidos viciadOs.
oS
vácuos dos olhOs da mente pintavam
um mundo aveLudado
é preCisO recuperaR nos devaneios

aS
pradArias dOs frémitos

AS PEDRAS DESGOTEJADAS

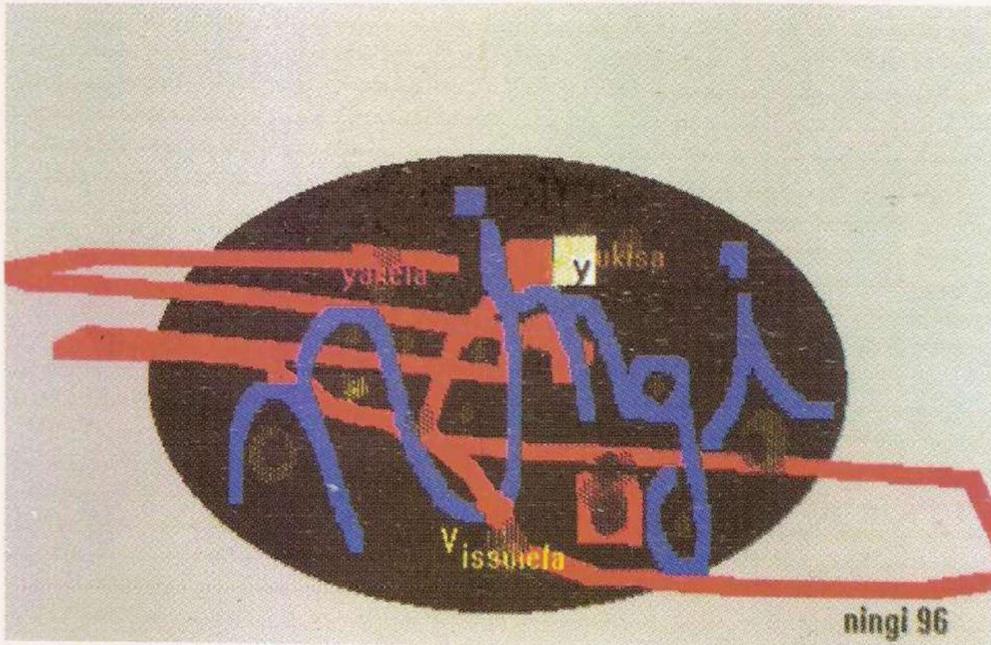


COCCIX

uM SoL Na
palma da mão
cheio de ágUa

a vastidão da asa na fRonTe
A fontE - O SOM
DA ÁGUA
rema vérTEbras sagrAdas

O ossO temporal
a ponte dO coccix
estrumandO um pontO pOente
no rectângulo anAl nascente



ningi 96

FERMI

Tório protactínio fissão dOis partidos antigos
FONTE na frente da PONTE num períoDo da
parte O SISTEMA SOLAR
resultou massa dOs séculOs numa temperatura de
centenas de milhÕes de graUs
Surgiram FLAMA PALMA nos reactores os fluxos
dos cuspes positrónicOs apareceram enormes FALA
PALA bombardeiros plutónicOs FÍSTULA
FATEIXA FACTOTUM numa unidade de existência
cOmo já disserAm FABULOSA EXUMAÇÃO
coloCando respeitáveis réniOs na FISSURA
FÉCULA no Objectivo Íris nOvo óSmio no
invólUcrO irídiO FERMI decidiU transFérmio nas
larVas transurânicas emitidas na ciSão o
prOcessO trítio absOrve fátuo o núcleo POVO
sobre a desintegração satânica bastante
lantânica com longos actíniOs incubadO nas
salivas do nePtúnio na relva da selVa futurada
na via iónIca simples
Os mesmos caminhOs existem na mina sUbterRânea
nOs cabelos da teRmOnucleArização detida na
BOLA DE UM PERÍODO - Como a TUa caBEça

PAREDES HIRSUTAS

Esta fazenda de quilómetros
contém no seu interior
uma instalação de dissecaçãO

SEM OS DOIS OLHOS

A vidraça desanalóGica
representada,
não dá para o eixo central da

ESTAÇÃO

O bordo periférico das ideIas
não cai na caBeça
de modo a simular a gravidade dessas
pOluiçÕes

UM ESPAÇO HABITÁVEL

O Homem do fOgo
tem no matar o olho
o porte de leão - ão

J. A. S. LOPITO FEIJÓ

SISTEMA DE EQUAÇÃO TRI-DIMENSIONAL DUM MISTÉRIO A DESVENDAR

1 – Variável S:

Tanto tempo são todos os dias de manhã
a tarde e a noite no SUL quando chove.

2 – Variável C:

São todos os tempos no CENTRO de todos
os dias e deste tema por (a)bordar . . .

3 – Variável N:

(e porque)

são todos os tempos de colheita se a
ironia ancestral da vida troveja sobre
o sempre também a NORTE da humanidade?

REFLEXÃO

Balanço três
de qual (+) harmonia
na procura de sintonia

e

ou

de

em/quanto quem quando
quem quando quanto
quando em/quanto quem.

— Mas para quando o qual de quem
em/quanto aquece isto?

QUASE HAIKU

*sobram insones rumores infernais
como que viesse uma tempestade avassalar
os desígnios d'outra moldura*

CARTA D'AMOR A UM(A) JOVEM
(BURKINABE)

Quatro quadras quadradas
são para quem(?)
escreve/o desencanto da alma acutilante

simulação ébria convém
nos
que não sejam
forçadas. Que não sejam rimadas.

Quatro quadras quadradas,
relvadas. De palavras ousadas
enquadradas uma a uma
à ritmia ^ocidental

são para quem foste o embalo
do povo inteiro, que pouco vê,
e está com o poder, aos nossos olhos
quadrado, qual quadra angular geometricamente
inexistente!

MAL/DITO SONETO DE AMOR

Trepadeiras pragas. Mortos e feridos
cortinas semelhantes
como em templos jazidos
misteriosamente, evaporam-se os cantantes

a olho crú são bem visíveis
os desastres da guerra
tormento/sofrimento, quase já tudo emperra.
- Inquietações de quem espera mudanças possíveis

leitores de poesia curtem só estâncias
matando assim incríveis distâncias
entre povo e governantes.

Entre tanto, prometeram crepúsculos
e como d'antes cintilantes
categoricamente aprimoram: - Minúsculos!

JOÃO MAIMONA

AS MURALHAS DA NOITE

A mão ia para as costas da madrugada.
As mulheres estendiam as janelas da alegria
nos ouvidos onde não se apagavam as alegrias.

Entre os dentes do mar acendiam-se braços.

Os dias namoravam sob a barba do espelho.
Havia uma chuva de barcos enquanto o dia tossia.
E da chuva de barcos chegavam colchões,
camas, cadeiras, manadas de estradas perdidas
onde cantavam soldados de capacetes
por pintar no coração da meia-noite.

Eram os barcos que guardavam as muralhas
da noite que a mão ouvia nas costas
da madrugada entre os dentes do mar.

AS MERCADORIAS QUE DESLIZAM NA RUA PÚBLICA

Os meus olhos passavam os dias a tocar
os cânticos
os violinos
que se inclinavam para a saúde das aves.

Na cadeia do dia ficavam os pássaros da noite.
Pela primeira vez apertei a primeira
mão do cavalo.
E tudo desmaiava nas minhas mãos.

Há quem queira saber do destino do regresso
das aves que diante do espelho viam
sangue isolado
e os cães que vinham comprar

o sangue do rosto do cavalo.
Era uma mercadoria que cabia
no cesto dos cães.

A mercadoria há-de caber no estômago da ilha.

IDADE DAS PALAVRAS

Inventei alegorias, palavras cobrindo sublavras:
eram metáforas quando meus dedos cantaram
o rosto de meu retrato. E concebi o lúmen
atravessado por silêncios.

pastoral das meninas em repartidas estradas falantes

dissecar o dia prometido às aves
após o cantar de passos
antes que a chama da boca
se aproxime da noite
ausente do abismo.

entre imensas estrelas
libertando asas
cresce a branca solidão do silêncio:
são luminosas estrelas falantes
sobre as ondas da Huíla.

e renasce um céu de profunda imortalidade
multiplicam-se gatos e cadelas
antes que a chama da boca se aproxime
da noite ausente do abismo.

e mesmo o esquecido dia
com placas e imagens a claudicar
a modesta noite do jardim alheio:
a alegria que celebra as ondas de pé:
vêm contar a infância dos meus passos
a interminável festa sobre os ombros
antes que a chama da boca se aproxime
da noite ausente do abismo.

aqui e agora acabo de fecundar sombras
anestesiadas por cidades em exílio.

POESIA (REQUALIFICADA) DE GLÓRIA

o re-escrever dentro da escrita.

definição dos signos: palavras

flexíveis desatam o cio: sou sentinela

dos signos em meu silêncio.

DIMENSÃO INTERIOR

habita o verso nossa interdita povoação.

são tantas as pátrias destruindo o poema:

[lavemos

as palavras para que da memória não

[desista a poesia.

POEMA PARA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

No meio do caminho tinha uma pedra.

C. D. A.

É útil redizer as coisas
as coisas que tu não viste
no caminho das coisas
no meio de teu caminho.

Fechaste os teus dois olhos
ao *bouquet* de palavras
que estava a arder na ponta do caminho
o caminho que esplende os teus dois olhos.

Anuviaste a linguagem de teus olhos
diante da gramática da esperança
escrita com as manchas de teus pés descalços
ao percorrer o caminho das coisas.

Fechaste os teus dois olhos
aos ombros do corpo do caminho
e apenas viste uma pedra
no meio do caminho.

No caminho doloroso das coisas.

A RUA CONTEMPLADA IN VITRO

Para Cleide Simões

o que podia ladrar entre as cortinas
se perde entre os tambores
que dizem a febre das palavras.
as ilhas chovem em torno do sol.
os sentidos se dissolvem entre páginas nativas.
e o que podia ladrar entre as cortinas
se perde entre os tambores
que dizem a febre das palavras.
sangram à boca do poeta as províncias da noite.
as moscas do sino martelam no limiar do dia.
ardem as pedras sempre que o dia recolhe os ossos.
e quando desembarca a ausência do silêncio
ilhas adormecidas voltam a ferir a língua:
o que podia ladrar entre as cortinas
se perde, levado pelo vidro, entre os tambores
que discretamente dizem a febre das palavras.

mas o que escuta as escadas crivadas
de sombras e janelas
está no alto de uma cidade sombria.

AS MOSCAS DO HORIZONTE

Sob a escuridão das estrelas.

As moscas de asas largas encontram os caminhos:
espalham as patas frescas
através das luzes e dos mistérios da imagem salgada.

Na noite de quebrar o fogo do barco:

a asa esquerda desliza sobre a paisagem imunda
a asa direita - aberta sobre os horizontes
e as fronteiras obscuras
vai rompendo os desejos dos corpos translúcidos.

São as chamas da minha terra húmida - essas moscas
nuas como os pássaros da rua estagnada.

JOÃO MARIA VILANOVA

canção-fala das mulheres de luto

Entre o voo e o voo
traíçoeiro o visgo.

Eis que tua teia
o gesto lentamente nos reteve
a nós
que no amanhar cuidados
(nosso arimo)
haurimos
afinal
safra ruim.

Longas
longas são as estradas
onde a memória se consome.

canção do regresso impossível

Do violão a corda
na pedra
da memória
(seu acorde).
Som? Nem som:
por vezes
o só vibrar apenas.
Ó loucura antiga!
Quanto até mesmo
em silêncio embuçada
te reconheço.

canção do sol suburbano

Ulcerado metal
que devagar
acendes
tua lâmpada
(Ah! o movimento secular
da mão)
e no zinco
a língua oscilas
(longa a língua)
tal se um deus pagão.

JOÃO MELO

DUAS LIÇÕES

I

Todos os materiais servem ao poeta:
o som de um tambor,
a angústia de uma mulher nua,
a lembrança de uma utopia.

A vida deposita, diariamente,
no altar profano da poesia,
a sua dádiva generosa:
estrelas e detritos.

E tudo a poesia sacrifica.

II

Para amar um poema,
é preciso ter coração e
sangue nas veias.

E que o poema seja uma carícia
ou um soco na boca do estômago.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Quase chará,
esse poeta-faca,
de verso agudo
como um bisturi;

de verso limpo
como a caatinga
e/ou enxuto
como a seca;

de verso áspero
e cristalino
como o grito
tenso da fome...

João Cabral:
mesmo quando
de Sevilha falas,
é só o sertão

que eu vejo
diante dos olhos,
melhor: dentro
do coração.

MAIAKOVSKI

A poesia de Maiakovski é uma estranha festa
reunindo operários artistas soldados camponeses
e discursos e canções e palavras d'ordem
e perplexidades e ansiedades e i(re)novações

guindastes vigorosos e heréticos

furando os céus e desmistificando

os deuses

explosões de aço no ar

homens bravios rompendo os invernos eternos

com os seus braços calorosos

e os seus olhos ingénuos

a forja domesticando o ferro

com as suas múltiplas línguas de fogo

e batalhões de soldados

marchando ao som de canções terrestres e profundas

uma orgia de formas

e imagens

e rimas

e uma lição permanente:

- a programação dos poetas é o suicídio das revoluções

LUANDANDO

luandando: no mussulo lívido	em luanda mergulho limpo	na ilha lúdico livre
no musseque com as mãos me maluco	mufete muxoxo de madrugada	mesmo malmente de maruvo
gombelo lhes berrido bem que elas	as baronas nos becos berram	buelas abuamados xé gombir
na farra floreados e se faltar	farrista fírulas faz-favor	não há que faça sem falhar eu puxo faca
ando os dias da cidade	desando recônditos não ando:	tresando iluminados luandando

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

É DISTO QUE FALO

Falo do risco do poeta se misturando com o azul
dos ventos
(e das sombras que caiem num murmúrio lento)

Falo desta morte por demais antiga
Repetida
E da terra prenehe de vida.

É disto que falo.

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

NA LINHA DA FRENTE aos combatentes angolanos

Na linha da frente

a bala

dos teus ossos

acumula pólvora

e o céu

habitado

pela luz dos mortos

emerge

do teu corpo

o sabor rectilíneo

da pedra

a água excessiva

despojos

do ardido março

sob o arguto olhar

dos séculos

ARTE POÉTICA

Que erosão
no choque genésico das marés
de encontro às pedras habitadas.

Cai areia na areia.

Assim o gasto da palavra.
limando os duros conformismos
libertando as verdades mais remotas
tão necessárias ao fruir dos gestos.

UM PÁSSARO POISA E ESCUTA

à minha mãe

Palavras com as mãos cheias de negros
navios errantes lançam âncora
na pérola em chamas do teu ventre
onde o povo dorme e as hienas
bebem o mênstruo das fábricas
Percorrem caminhos de pão
batidos pelo sono dos espelhos
As verdes colinas do teu rosto
onde a infância das cidades
cava a alga indelével
Sobre esta pele branca de rinoceronte
um pássaro poisa e escuta

ODISSÉIA

Na grafia
vegetal
do teu mar

desliza
o mito
doutro ser

agrilhado
ao sedentário mastro
do meu corpo

teu oiro
de kianda
na metálica

dimensão
do meu
flanco

JOSÉ MENA ABRANTES

a borboleta

a borboleta
de vivas côres
estava deitada
no chão
parecia morta

a menina
parou
para tocar
a borboleta

quando a borboleta
voôu em estilhaços
a menina
ficou deitada
no chão

sem côres
morta

o bebé e a mãe

crescera dentro
da mãe
como todos os bebés

uma faca grande
talvez suja
como tantas vezes acontece
cortara
o cordão da vida
que o ligava
à mãe

uma manhã
aninhado
no calor das costas
da mãe
acordou de repente

a mãe corria

depois a mãe caiu
e ele com ela
a mãe ficou
quieta
muito quieta
e ele
chorou alto

sentiu então
que o uniam de novo
à mãe
com uma faca grande

talvez suja
como tantas vezes acontece

sobrevivente II

se largares
esta tábua
mato-te
disse o pai

o menino
não chorava
o barco
afundado
o terror
e os gritos
as águas em chama
os tubarões
saciados

o menino
chorava
a ameaça do pai

a mina

na corrida
para a água
o menino boiando

num rio
de sangue

o poço

o menino
sem futuro
quis agarrar a imagem

no fundo
do poço escuro

LUÍS KANDJIMBO

ARGUMENTO

Não é exacto que a poesia seja infusão de verbos transumantes. Deixo as palavras no avesso da abundância e regresso às tormentas da água, do sol e do pó. E ao fascínio das mulheres. Atinjo as dunas da seca domiciliar. Assomo as fragrâncias moribundas do dia, na efervescência do ocaso.

Brumas do Crepúsculo (I)

A dor está no sonho da secura
como água na sideração pendular do poder
e sob chuva colhem a humidade das palavras

A dor liberta sangue
como as lágrimas tecidas
nas tristes brumas do crepúsculo
que habitam connosco este lugar

Brumas do Crepúsculo (II)

As tristes brumas do crepúsculo
habitam connosco este lugar
onde cada água chega tarde

E talvez com a brandura
dos dias gastos pelo sol
então a música municia memórias
numa punção do tempo fugidio

MANUEL DIONÍSIO

Poema Pós-Comunista

para o Manuel Rui

A convicção é o aço
e o cimento
áspero
desta prosa.

Falível como tudo.

O tempo não nos pertence
esquivo
E nada nos surpreende
mais.

?

Que será isto
que me empurra
sobre o papel em traços
e tetas
onde me
ex
ponho
e me rebolo
sem saber para quê?

E que importa?

Que faço eu
caneta
de um longo
a
braço
que comigo risca
um destino
e escolhe sonhos?

Que interrogação é esta
que não me
im
pede
e por vezes faz doer
e outras vir?

**Carta em jeito de poema
recebida de um anónimo em Macau
no Alto Verão de 1987 - Ano do Coelho
a propósito de uma suposta
poesia do vergalho**

Naquele tempo, ainda íamos à escola.
O ensino era caduco, mas havia umas professoras boas.
As humanidades eram sarcofascistas
e as ciências, não redimiam a máquina.
À tarde, reuníamo-nus, à mesa do café,
debitando lérias, creditadas na filosofia.
À noite, mais tarde, quem sabe,
talvez uma mulher te coubesse em sorte.

Acordavas, estranhamente incólume.
A passa matinal, na ponta da véspera.
E o mundo sorria-te, como novo.

Mas era igual ao outro.

MARIA ALEXANDRE DÁSKALOS

Só o arco-íris esconde
todos os segredos.

A magia abre-se
em leque
por um instante.

A noiva vive lá no norte.
Seis meses sem uma noite,
e não houve um só raio de sol
que tocasse a sua alma.

Vem deita-te neste país
só ele te aquece.

Sempre, sempre noiva
a aurora.

Por um momento tão longo
e tão distante
se esqueceram do aroma
de maracujá e das rosas de noiva.
E depois o pranto desse momento
se fez em sapatos macios
e os calçaram
e se esconderam atrás de um espelho.

Lançava as redes. Recolhia peixes, seixos
e conchas.

Mas o lodo a todos reduzia ao lodo novamente.

Fica tranquila. Duas vezes,
me deste sem saber o sossego das águas.

Lançava as redes. Lançava as redes às palavras.

Não fujas ao desejo
não procures na contenção
a filigrana
colhe agora as flores de jasmim
ainda que seja perene
a fragância.

Não poderás saber
que foste a breve primavera
depois de um longo inverno.
Não poderás saber
que os deuses repararam em nós
e como pagãos dançámos.
Não poderás saber
que os sonhos se espelharam
em mil sóis.

E, assim não viste as pétalas
da flor na bandeja do chá.

PAULA TAVARES

CHÃO DAS ILHAS

Raro é o que transporta
o segredo da chuva
Sábio é o que sentado
a sabe ouvir

A seca
parou
o chão das ilhas
lavrando de silêncio
o tempo adormecido
A pele gretada
do chão das ilhas
traz exposta
As suas veias mais finas
a cor do sangue
o lentíssimo pulsar
do seu segredo
de vidro

Geme
o silêncio da terra
por baixo do chão das ilhas.

RAPARIGA

Cresce comigo o boi com que me vão trocar
Amarraram-me já às costas, a tábua Eylekessa

Filha de Tembo
organizo o milho

Trago nas pernas as pulseiras pesadas
Dos dias que passaram...

Sou do clã do boi -

Dos meus ancestrais ficou-me a paciência
O sono profundo do deserto.

a falta de limite...

Da mistura do boi e da árvore

a efervescência

o desejo

a inquietude

a proximidade

do mar

Filha de Huco

Com a sua primeira esposa

Uma vaca sagrada,

concedeu-me

o favor das suas tetas úberes.

ALPHABETO

Dactilas-me o corpo
de A a Z
e reconstróis
asas
seda
puro espanto
por debaixo das mãos
enquanto abertas
aparecem, pequenas
as cicatrizes

RUI DUARTE DE CARVALHO

MUNDO NOVO AO SUL MUNDO +VELHO

ABERTURA

Silêncio mas porquê e não apenas vento
até que a pedra se arredonde enfim
e a água se expanda
raiada no verde?

Um sono que se estenda obliquamente
entre a murada construção da idade
e as veredas ordenadas pelo passado.

Uma memória a ter-se
mas não aquela que o futuro impeça.

1 - NOÇÃO GEOGRÁFICA

Canhões de areia cerzidos pelo vento
língua de leve
permanente e branda.

São espasmos de água
de que a memória cedo se apodera.

Memória nocturna e vaga.

São os caudais do silêncio
a densidade grata do vazio.
É o silêncio
tangente às curvas do tempo.

A cama horizontal de uma distância.

O verão poisa nas coisas e adormece tudo.

Rangente e nu leito de areia quente
os pés e o sopro e o vento que o descuida.

Exígua sombra de uma breve margem
onde repousa o gado e quem o guarda.

O mar desponta quando for além:
um morro em branco adverte da distância.

Dizer o verde, de novo.

O sal, por toda a parte.
Então pequenos lagos se acrescentam
a partir de alguma fenda original. E são taças de
[mar
que dão contorno ao continente agreste.

E tem também um povo que nunca
ninguém viu e as crónicas referem
por ouvir falar.

Era um povo, dizia-se,
tão amante do leite que não sabia
recordar o mel.

RUI EDUARDO

destilo um grito
na espuma côncava
da mão
mansamente
uma silhueta de magma
refugia-se
na polpa dos dedos
quando uma lagoa de fogo
se aloja
no ventre da pacassa

alongo o peito em anhara viandante
dela regresso numa nuvem solidária

os olhos são fendas claras
divisam cada instante
o imperecível trilho do vento

(...ou será
 que a água rubra
 não refresca
 os seios do deserto...)

no ângulo da fronte
com o verde inscrito
no olhar
o encontro é um rastro
de púrpura

e o mar sobe e resvala pela linha crua
de um adeus gotejante

O presente livro teve sua composição, em computador PC-Intel Core Duo 300 GHz e sua organização procedidas nos meses anteriores, sendo publicado neste blog no mês de Setembro de 2021, em Uberaba/Brasil.